

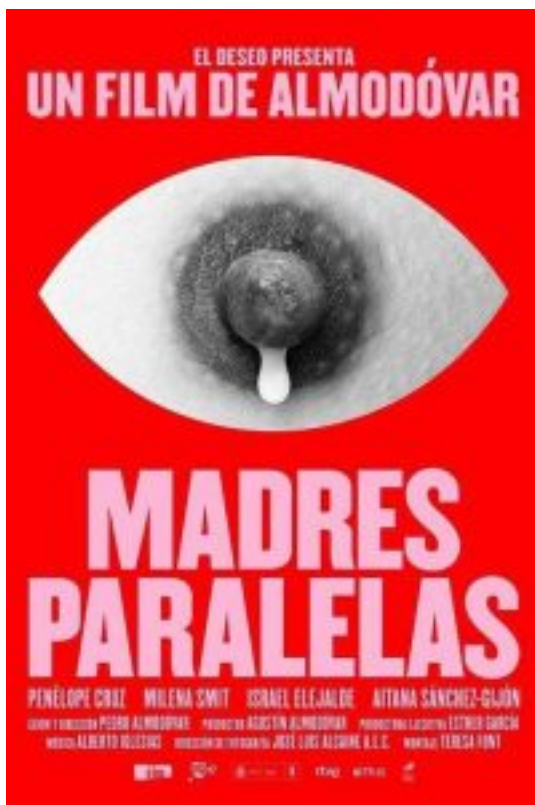


ROSELI GIMENES

PROFESSORA NO CURSO SEMIÓTICA
PSICANALÍTICA PUCSP
PÓS DOC EM COMUNICAÇÃO E
SEMIÓTICA PUCSP

nosso
meio

A expressão 'é preciso ter peito', e peito aberto, está revigorada a julgar pelas páginas das redes sociais digitais e dos principais jornais em circulação por conta da proibição no Instagram, em 9 de agosto de 2021, do cartaz do novo filme do diretor espanhol Pedro Almodóvar, Madres Paralelas (2021), com lançamento previsto para este mês de setembro no Festival de Veneza e provável exibição no Brasil em novembro de 2021. O fato causou estranheza uma vez que o Instagram já em 2020 passou a ter novas diretrizes sobre nudez em fotos ali publicadas. Hipocrisia à parte foi o que desencadeou a mudança de costumes. Muito se vê de nudez nas imagens postadas, mas as proibições levam em conta aspectos pornográficos das fotos. Ou talvez casos preconceituosos como o acontecido à modelo negra e plus size, Nyome Nicholas-Williams, do Reino Unido. Quem sabe a diferença entre pornografia e erotismo?



Terá sido também a proibição ao cartaz do filme um caso de nudez associada à pornografia? Ou uma associação de Almodóvar ao pornográfico? O cineasta compõe suas obras com personagens hermógenas quase sempre, em que pese a diferença do início da carreira nos anos 80 em que ele foi proibido mundo afora e o início deste século em que o espanhol já poderia ser chamado canônico no cinema. O cartaz do filme é do designer espanhol Javier Jaén que protestou veementemente nas redes contra a proibição sofrida. A associação do grupo justificou-se apontando que a princípio o Instagram retira todas as fotos que indicam nudez. Com a repercussão do caso, a rede restaurou as imagens e acudiu com pedido de lamento pelo transtorno. A imagem do cartaz, belíssima aliás, é composta em quadro vermelho, bem às cores mágicas de Almodóvar, com um seio ao meio mostrando em branco e preto um mamilo do qual escorre uma gota de leite. Inevitável não pensar no filme *Kika* e na gota de esperma que cai ao rosto, bem no olho, da apresentadora Andrea Caracortada. Não há como não associar a imagem do mamilo à forma de um olho. Diríamos de um olhar em cor da pele circunscrita à imensidão do vermelho e das inscrições verbais com o nome da produtora *El deseo*, do cineasta Almodóvar, do filme e da ficha técnica. Um êxtase do imaginário.

Esse mamilo nos olha, olhamos para ele como voyeurs, como bebês à espera da amamentação. Como seres libidinosos que somos no acalanto do prazer sensual. Eis talvez o porquê da proibição. O Instagram viu nesse mamilo esse olhar especular de que nos fala Arlindo Machado, sobre o qual o psicanalista Jacques Lacan trabalha. Era necessário fechar olhos ao peito aberto. O filme gira em torno da maternidade de mulheres que dão à luz no mesmo dia. Fato por demais comum. É ver o filme para saber quais outras colocações poderão ser feitas, além das já mencionadas pelo diretor: a maternidade, a família, a memória, um tudo sobre minha mãe (1999). Quase é possível ouvir a voz materna nesse sentido também especular, algo nos fala desse leite no mamilo. De reminiscências, de um passado de espelho materno.



Outono/inverno 1983-1990, fotografia e criação: O. Toscani

Em se tratando de memória, vem à mente as campanhas polêmicas feitas pelo fotógrafo Oliviero Toscani para a Benetton na década de 90. As temáticas das obras de Toscani para a Benetton ainda nos causam impactos. São imagens de casais homoafetivos, de um doente terminal, um corpo amputado, um padre e uma freira beijando-se no contraste branco e preto; enfim, beleza estética das fotografias, criação publicitária com a sempre marcação da Benetton. Uma eterna publicidade de um cadáver que nos sorri (1995). A recordação – comparativa ao cartaz do filme – chega a uma das imagens em particular que – como muitas outras – trabalhou a questão inclusiva tão emergente nestes tempos. Trata-se de uma imagem de uma mulher negra usando uma blusa vermelha da Benetton. Esse vermelho é um atrativo que nos volta ao cartaz do filme de Almodóvar. A mulher tem nos braços um bebê branco que nos leva imediatamente à metáfora da Pietá, dessa incomparável doçura do símbolo divino da maternidade. O detalhe – ao menos aquele considerado polêmico – é o fato de o bebê branco ser amamentado pela mulher negra. Uma referência explícita e crítica às amas de leite a questões raciais se visto neste momento. Ali nosso olhar também repousa em um mamilo descoberto. Não nos é dado a ver o leite que dele escorre, ele está na boca do bebê. Olhamos esse leite escondido, não sem antes também repousar o olhar à direita ao alto da imagem, bem acima da cabeça do alvo bebê, à inscrição: 'UNITED COLORS OF BENETTON'. Há que se ter peito. Aberto.